



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS: LÍNGUA PORTUGUESA/ LIBRAS/ LÍNGUA**  
**ESTRANGEIRA**

**MARIVAN DE SOUZA SANTOS**

**CONTEXTOS VIVENCIADOS PELOS SURDOS SIMBOLIZADOS NO CONTO**  
**PATINHO SURDO**

Amargosa  
2017

**MARIVAN DE SOUZA SANTOS**

**CONTEXTOS VIVENCIADOS PELOS SURDOS SIMBOLIZADOS NO CONTO  
PATINHO SURDO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Banca examinadora do Curso de Licenciatura em Letras com habilitação em Libras do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) como exigência para obtenção do diploma de licenciado em Letras.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Ma. Emmanuelle Félix dos Santos

Amargosa  
2017

MARIVAN DE SOUZA SANTOS

CONFLITOS VIVENCIADOS PELOS SURDOS SIMBOLIZADOS NO CONTO  
PATINHO SURDO

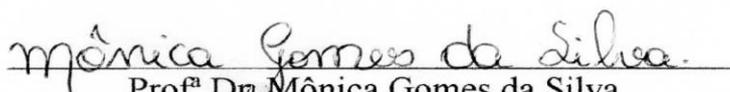
Aprovado em 28 de setembro de 2017.

Banca Examinadora



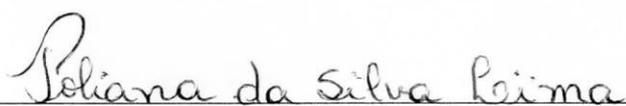
---

Prof.<sup>a</sup> Ma. Emmanuelle Félix dos Santos  
Orientadora



---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mônica Gomes da Silva  
Membro da Banca



---

Prof.<sup>a</sup> Esp. Poliana da Silva Lima  
Membro da Banca

## **Agradecimentos**

A meu 'Amor', que muitos chamam de Deus e de Senhor, Rei e Salvador, pela força, presença, cuidado e amor a todo tempo, o tempo todo.

A Emmanuelle Felix, pela confiança, carinho e desafios que me propôs.

A minha mãe, meu pai, meus irmãos, pela presença na ausência e pronto socorro nas emergências.

A Fran, irmã amiga, pelo cuidado e carinho de sempre.

A Rita, irmã de coração, pela atenção, presteza e amor.

A Elielma, amiga irmã, pela motivação, escuta e conforto.

A Maurício, pela sua amizade, incentivo e apoio.

A Adinael e Paulinho, irmãos de fé, pela amizade e orações.

A Sidinei, pelo convite a permanecer nesta cidade.

A Marilza, pela boa notícia a permanecer nesta cidade.

A Don João Nilton, pelas sábias palavras.

A Júnior, pelo carinho, afeto e apoio na minha chegada.

A Claudiane, Artur, Fau, Lore<sup>2</sup>, Laís<sup>2</sup>, Paulinha, Adriana, Zenaide, Gil, Jaqueline, Rose<sup>2</sup>, pela companhia neste período.

A D. Nay, D. Luísa, D. Clea, D. Vilma, Mara, pelo amor de mãe.

A Jú, irmã do coração, pela amizade, hospedagem e amor.

A Victor, pelas numerosas caronas.

A Sheila, Vanessa, Vanusa e Sandra, colegas de classe, pelas diversas contribuições nesta caminhada.

A Fernanda Maria, professora, pela assistência de sempre.

A Mônica Menezes, professora, inspiração, pelo incentivo e por me apresentar a literatura infantil/juvenil.

A Tarcísio Cordeiro, professor, pelas indicações e incentivo ao amor pela literatura.

A Fábio Josué, professor, pela criatividade e amor do/no 'ensinar'.

A Evandro, pela alegria de existir.

Ao EJC e RCC, pelos (re)encontros com meu 'Amor'.

A TV Canção Nova, por existir.

Ao PPQ, pelo apoio financeiro.

E a todos que contribuíram direta e indiretamente.

"A gaivota cresceu e voa com suas próprias  
asas. Olho do mesmo modo como que  
poderia escutar. Meus olhos são meus  
ouvidos. Escrevo do mesmo modo que me  
exprimo por sinais. Minhas mãos são  
bilíngues. Ofereço-lhes minha diferença.  
Meu coração não é surdo a nada neste  
duplo mundo..."

(O vôo da Gaivota, Emmanuelle Laborrit)

SANTOS, Marivan de Souza. Contextos vivenciados pelos surdos simbolizados no conto *Patinho Surdo*. f.54 il. 2017. Monografia – Curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa/Libras/Língua Inglesa, Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa, 2017.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar os contextos vivenciados pelos surdos simbolizados no conto *Patinho Surdo* da autoria de Karnopp e Rosa (2005). Para o desenvolvimento desta investigação foi adotado o enfoque qualitativo de pesquisa com a opção metodológica bibliográfica, com vistas ao aprofundamento do fenômeno estudado. Para tanto, nos baseamos nos escritos de Santos (2011), Eagleton (2006) e Peres (2007) sobre literatura infantil/juvenil e nos estudos de Strobel (2009), Morgado (2011), Porto e Peixoto (2011) e demais outros sobre literatura surda. A análise do conto foi construída a partir de 4 categorias, a saber, a descoberta da surdez; diferença linguística; profissional intérprete e diferença e alteridade surda. O presente estudo possibilitou perceber que as comunidades surdas tem retratado nas literaturas contemporâneas, denominada de literatura surda, o contexto vivenciado pelos surdos, suas lutas, conquistas, direitos e, que o conto *Patinho Surdo* apresenta elementos discursivos que merecem debate, ou seja, não podem ser marginalizados, ao contrário, devem ser incluídos nas leituras, não somente dos surdos, como também das pessoas ouvintes, inclusive nos espaços educacionais onde há mais acesso a estas leituras.

**Palavras - chave:** Literatura; Surdez; *Patinho Surdo*.

## ABSTRACT

The present work aims to analyze the contexts lived by deaf people symbolized in *Patinho Surdo* [the deaf duckling] tale, authored by Karnopp e Rosa (2005). For the development of this investigation, it was adopted the qualitative research approach with the bibliographic methodology option, aiming to deep the studied phenomenon. For such, the work was based on Santos (2011), Eagleton (2006) and Peres' (2007) writings about children's literature in the studies of Strobel (2009), Morgado (2011), Porto e Peixoto (2011) and others about Deaf Literature. The analysis of the tale was built from four categories: the discovery of deafness, linguistics difference, professional interpreter and deaf difference and alterity. The present study enables us to realize that deaf communities have been pictured in Contemporaneous Literature, denominated Deaf Literature, the context by deaf people, their struggles, achievements, rights and, that *Patinho Surdo* presents discursive elements that deserve to be debated, in other words, they should not be left aside, on the contrary, they must be included in not only deaf people but also in listening people's reading, even in educational spaces where there is more access to this reading.

Keywords: Literature, deafness, *Patinho Surdo*.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>ASL</b>	Língua de Sinais Americana
<b>CAPI</b>	Cento de Apoio Pedagógico de Ipiaú
<b>CEESP</b>	Conselho Estadual de Educação de São Paulo
<b>CNPq</b>	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
<b>FACED</b>	Faculdade de Educação
<b>FNDE</b>	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
<b>GIPES</b>	Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos
<b>LS</b>	Língua de Sinais
<b>MEC</b>	Ministério da Educação
<b>NEE</b>	Necessidades Educacionais Especiais
<b>SEESP</b>	Secretaria de Educação Especial de São Paulo
<b>UFPE</b>	Universidade Federal de Pelotas
<b>UFRB</b>	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
<b>UFRS</b>	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
<b>UFSC</b>	Universidade Federal de Santa Catarina
<b>ULBRA</b>	Universidade Luterana do Brasil

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Tradução de obras literárias para a libras	28
FIGURA 2	Adaptações de clássicos ao contexto da surdez	29
FIGURA 3	Nascimento do patinho surdo: sentimentos da família	37
FIGURA 4	Sentimentos da família: rejeição e proteção	38
FIGURA 5	Descoberta da surdez por familiares surdos	39
FIGURA 6	Conflito do surdo na comunicação com a família	41
FIGURA 7	O aprendizado da Libras na comunidade	44
FIGURA 8	A construção da identidade surda	45
FIGURA 9	A não unidade da Libras	46
FIGURA 10	Papel do intérprete de Libras	48
FIGURA 11	Somos todos normais	49
FIGURA 12	O surdo é o diferente?	50

## SUMÁRIO

<b>1 A HISTÓRIA VAI COMEÇAR...</b>	<b>10</b>
<b>2 ERA UMA VEZ...</b>	<b>16</b>
2.1 A LITERATURA INFANTIL/JUVENIL: UMA LEITURA DE SEU CONTEXTO HISTÓRICO	16
2.2 LITERATURA E ALTERIDADE: UMA ABERTURA CONTEMPORÂNEA	22
2.3 LITERATURA SURDA: DO QUE ESTAMOS FALANDO?	24
<b>3 COMO CONTAMOS ESSE CONTO?</b>	<b>31</b>
3.1 O CONTO PATINHO SURDO	31
3.2 SOBRE OS AUTORES	33
<b>4. QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO: ANÁLISE SOBRE SURDEZ</b>	<b>35</b>
4.1 O DIAGNÓSTICO DA SURDEZ: COMO A LITERATURA ABORDA A QUESTÃO DO DIAGNÓSTICO PELA FAMÍLIA?	35
4.2 PAIS OUVINTES E FILHOS SURDOS: DIFERENÇA LINGUÍSTICA	38
<b>4.2.1 Libras, uma língua heterogênea</b>	<b>44</b>
4.3 O PROFISSIONAL INTÉRPRETE	45
4.4 SURDEZ: DIFERENÇA OU ALTERIDADE?	47
<b>5 FINAL FELIZ</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>51</b>

*"Suba o primeiro degrau com fé.  
Mesmo que você não veja toda a escada,  
apenas dê o primeiro passo."  
(Martin Luther King)*

## **1 A HISTÓRIA VAI COMEÇAR...**

As narrativas das pessoas surdas, assim como as narrativas das pessoas ouvintes, passaram por uma fase em que não havia escrita da mesma, então todas as histórias eram registradas na mente de geração para geração. Se tratando das narrativas surdas, as histórias eram contadas em sinais. Strobel (2009, p. 67) enfatiza que “com o passar do tempo, os povos surdos tiveram a necessidade de registrar suas atuações do cotidiano como as várias conquistas, Língua de Sinais, tradições culturais, entres outras, e com isso surgiu a literatura surda!”

Acontece que, há pouco tempo, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi reconhecida como língua natural dos surdos, através da Lei nº. 10.436 de 24 de abril de 2002, regulamentada através do Decreto nº. 5.626/05. Entretanto, até esta conquista muitos entraves foram vencidos.

A Libras é uma língua nova e minoritária, devido a isso muitos mitos se propagam sobre a mesma, gerando de certa forma o preconceito. Gesser (2009) vai tratar sobre mitos crenças e preconceitos em torno da Língua de Sinais (LS) e da realidade surda no seu livro intitulado “*LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da Língua de Sinais e da realidade surda*”.

Como um breve resumo, o livro fala que é muito comum as pessoas pensarem que a LS é universal, uma vez que imaginam que essa língua seja um ‘código’ utilizado pelos surdos em qualquer parte do mundo, essa crença é uma das mais recorrentes. É também uma crença julgar essa língua como artificial ou fraca, pois trata-se aqui de uma língua natural que se desenvolveu a partir de um grupo cultural dos surdos Gesser (2009).

A sociedade vive um preconceito com a surdez. De acordo Gesser (2009), as minorias surdas têm menos prestígio e força pelo seu reconhecimento linguístico e cultural, sendo relevante o discurso médico, que concebe a surdez como um *déficit*, da falta de algo, de ser ‘anormal’, nessa concepção abrem-se lacunas para críticas e preconceitos sociais, mantido e

disseminado pela grande maioria, uma vez que, propagam representações da ‘normalidade’. Diante disso, na sociedade em que vivemos a surdez é vista como algo negativo. Lamentavelmente, o índice de aceitação da cultura surda torna-se mais difícil quando se opta por uma perspectiva que não seja de enxergar a surdez como diferença.

Segundo Gesser (2009), há pessoas que creem que a LS é mímica. Essa é uma crença falsa. A LS possui um sinal, símbolo único oficial para cada coisa ou objeto, já a mímica tenta imitar o desenho do objeto que se diversifica a depender de como foi legitimada e convencionada pelo grupo de usuários.

Outra crença comum está ligada a ideias e conceitos abstratos que se pode expressar na LS é o mito da pressuposição desta língua ser limitada e simplificada. Acontece que, da mesma forma que os falantes de línguas orais, os falantes de LS expressam sentimentos, emoções, e quaisquer conceitos abstratos, como também podem percorrer por variados gêneros discursivos, criar poesias, fazer apresentações acadêmicas, peças teatrais, contar e inventar histórias e piadas (GESSER, 2009).

Ainda em conformidade com Gesser (2009), uma crença que repercute, diariamente, em diferentes espaços é o fato de pressupor que o surdo não fala porque não ouve. A autora supracitada diz que essa crença está firmada na tradição de conceber uma língua pela perspectiva essencialmente oral-auditiva e a fala com o sentido da produção vocal-sonora. Acontece que o surdo fala em LS, pelo seu canal viso-gestual. Todavia, as concepções sobre a língua humana engessadas na sociedade necessita ser ampliada e redefinida.

Um meio pelo qual é possível o acesso à língua e cultura é pela literatura surda que se manifesta pelas histórias adaptadas, traduzidas ou criadas pelos próprios surdos. A denominação ‘Literatura Surda’ é empregada por autoras como Strobel (2009) e Karnopp (2010). A primeira quando diz que a literatura surda “traduz a memória das vivências surdas através de várias gerações” (STROBEL, 2009, p.61), e a segunda, Karnopp (2010 p. 161), como “a produção de textos literários em sinais que traduzem a experiência visual que entende a surdez como presença de algo e não como falta, que possibilita outras representações de surdos que considera as pessoas surdas um grupo linguístico e cultural diferente”.

Para além, atualmente, a literatura não se restringe apenas as produções de surdos, mas das pessoas das comunidades surdas, que engloba não somente os sujeitos surdos, mas

também “membros de família, intérpretes, professores, amigo e outros”, que interagem e estão voltados para interesses comuns a comunidade (STROBEL, 2009, p.33).

Tomo conceito de comunidade de Paddem e Humphries (2000, apud STROBEL, 2009, p. 33) que afirma: “comunidade é um ser social geral, no qual um grupo de pessoas vivem juntas, compartilham metas comuns e partilham certas responsabilidades umas com as outras”. Esta literatura surda se localiza geralmente em igrejas, associações de surdos, federações de surdos, dentre outros que atuam na militância da comunidade surda. Assim, a literatura surda é toda produção em Língua de Sinais ou não, que apresenta benefícios para a comunidade surda e questões inerentes aos surdos, seu modo de ser, viver e se perceber no mundo.

São diversos gêneros em que ela se apresenta, a saber: poesia, piada, história, contos infantis, fábulas, romances, lendas, etc. A primeira criação da literatura surda foi em 1999, com a poesia de Nelson Pimenta, intitulada *Bandeira do Brasil*. Essa poesia inicialmente, foi registrada em fita de vídeo, depois foi transformada para DVD. Trata-se de uma produção de um surdo com versos sinalizados, em que “tem a finalidade de legitimar o modo de ser da cultura surda e a construção da poesia pela experiência sensorial, característica central de muitos poemas nas línguas de sinais, caras à identificação da herança histórica e literária surda” (ARAÚJO, 2016, p. 180).

Atualmente, as redes sociais tem sido uma importante ferramenta de propagação da literatura surda através de *blogs*, *WhatsApp*, *facebook*, dentre outros meios de comunicação em que é possível encontrar registros de vídeos e textos.

Assim, vários artefatos culturais são produzidos para sustentação da cultura surda presentes na memória e vivência desse povo. Grandes partes das narrativas são gravadas em CD-rom, vídeos e DVD. Outra forma de registro da literatura surda é em escrita de sinais. Dentre os sistemas de escrita mais utilizado no Brasil na produção de literatura é o *SignWriting*, pois é possível fazer tipografia e divulgação em diferentes tempos e espaços, conforme nos descreve Karnopp (2008, p.5) ao mencionar que “(...) além das produções em vídeo (DVD), a escrita da Língua de Sinais (*SignWriting*) é uma forma potencial de registro da literatura surda, pois possibilita que os textos sejam impressos e que circulem em diferentes tempos e espaços.” Assim, diversas formas de registro da literatura surda vêm garantir o conhecimento para gerações surdas futuras seja por história, poesia, vídeos, etc..

Como exemplos da produção literária em escrita de sinais, podemos citar: *Cinderela Surda* (2003) e *Rapunzel surda* (2003), que foram as primeiras literaturas escritas neste sistema. Estas literaturas são um meio essencial de divulgação e fortalecimento da cultura surda, atualmente, disponível em livro impresso e digital em redes sociais como grupos em facebook, blogs, dentre outros recursos tecnológicos que propagam a valorização com o compartilhamento de informações do gênero.

Dentre os gêneros literários em Libras, na educação dos surdos, a Literatura Infantil ganha um destaque por possibilitar aos surdos uma imersão de sua identidade, cultura, valores do surdo. Desse modo, a literatura infantil, considerada como “novas formas de ver e perceber o mundo, a criança é capaz de assumir, em sua vivência, outros padrões interpretativos, concedendo a literatura um importante papel em sua vivência social” (PISSINATTI, 2016, p. 21).

Como forma de ler e ver as narrativas infantis, a imagem é o texto representado na ilustração, em que é possível atribuir significado e sentido às histórias, de forma dialógica entre o texto escrito e o visual, ampliando sua visão de mundo. “Além da ilustração, outras características das literaturas infantis são: a presença ou a predominância do discurso direto; personagens não complexas; linearidade; ausência do fluxo de consciência sem cenas paralelas, cortes ou volta ao passado” (PISSINATTI, 2016, p.24). Nas literaturas surdas infantis, são reafirmados valores à cultura surda, em que por meio dela é possível que os sujeitos surdos, usuários da Libras, se veem representados nas narrativas vivências e experiências.

Assim, conforme as crianças ouvintes se desenvolvem através do ouvir histórias, as crianças surdas devem, da mesma forma, ter imersão na literatura surda infantil como forma de inclusão, para tanto o seu aprendizado se desenvolverá através do ler e ver as narrativas, ou seja, pela forma visual.

Contudo, na prática, as crianças surdas filhas de pais ouvintes crescem sem conhecer uma literatura em Libras, pois até pouco tempo não havia uma abertura social, política e tecnológica para a produção, divulgação e utilização destas produções nos ambientes escolares. Com o advento da inclusão muitas discussões sobre as minorias, inclusive as pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (NEE), passaram a ter lugar nestas literaturas, inclusive, as produções das comunidades surdas.

Os estudos sobre as literaturas surdas têm crescido no ramo da pesquisa no campo da educação como material de instrução e de lazer, inserindo e propagando essa cultura visual. Mas, para o reconhecimento destas produções, houve militância dos surdos durante gerações disseminando seus valores e seu orgulho de ser surdo e pertencer à comunidade surda, sobre isso Strobel (2009, p.64) fala: “Por muitas gerações os povos surdos transmitem muitas histórias através de Língua de Sinais; a maioria delas parte das comunidades surdas que transmitem seus valores e orgulho da cultura surda que reforça os vínculos que os unem com as gerações mais jovens”.

Assim, as produções literárias surdas têm possibilitado aos sujeitos com surdez uma percepção de sua história, seus conflitos, conhecimento de suas políticas e contribuindo de forma significativa na representação do ser surdo. Ciente deste contexto, esta pesquisa se debruça sobre a seguinte questão: Quais conflitos vivenciados pelos surdos estão simbolizados no conto *Patinho Surdo*?

Para responder a essa problemática traçamos como objetivo geral analisar no conto os contextos vivenciados pelos surdos, e como objetivo específico: a) identificar o conto *Patinho Surdo* como literatura surda; b) apresentar suas especificidades e narrativa; c) identificar as simbologias representativas do contexto surdo no conto *Patinho Surdo*.

Desse modo, esta pesquisa se caracteriza como pesquisa bibliográfica, com uma abordagem qualitativa que, através de uma análise de conteúdo, busca nas imagens e texto do conto adaptado *Patinho Surdo*, as representações surdas existentes.

O desejo de falar sobre uma literatura é fruto de uma disciplina que cursei no terceiro semestre do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) denominada de literatura infanto-juvenil. Dentre todos os exemplos de literatura desta área, desde a trajetória histórica, é a contemporânea que me chama atenção, ao retratar sobre as minorias: negros, pobres, surdos, sujeitos antes não vistos representados em nenhuma literatura.

Sendo assim, esta pesquisa é um convite a conhecer a expressão literária das pessoas surdas e comunidades e visa contribuir com a propagação dessa cultura, que ainda é pouco visível e desprezada por muitos sujeitos, uma vez que ficará disponível na biblioteca para consulta, no intuito de também publicar para ir além dos muros da UFRB, para o público ouvinte e surdos.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro é este intitulado *A história vai começar...*, onde apresento uma breve reflexão sobre o tema, o problema, objetivo, metodologia e demais descrições do trabalho.

No segundo capítulo intitulado *Era uma vez...*, apresenta uma reflexão sobre literatura e literatura infantil/juvenil com base nos autores Eagleton (2006), Santos (2011), e Peres (2007), seguido de uma discussão sobre literatura surda e suas especificidades com base nas discussões de Strobel (2009), Morgado (2011), Porto e Peixoto (2011), dentre outros.

No terceiro capítulo intitulado *Como contamos esse conto?*, introduzo os aspectos metodológicos do trabalho, a descrição do enredo do conto e dos aspectos a serem analisados.

No quarto capítulo intitulado *Quem conta um conto aumenta um ponto: análise sobre surdez*, apresento a análise dos contextos e das representações surdas encontradas no conto. Por fim, apresento as considerações finais e as referências.

*“O amor e a literatura coincidem na procura apaixonada,  
quase sempre desesperada, da comunicação.”  
(Jorge Duran)*

## **2 ERA UMA VEZ...**

Este capítulo objetiva fazer uma abordagem sobre o contexto histórico da literatura infantil/juvenil, seguido de reflexão sobre a inclusão da literatura surda na contemporaneidade.

### **2.1 A LITERATURA INFANTIL/JUVENIL: UMA LEITURA DE SEU CONTEXTO HISTÓRICO**

De origem do latim *littera*, a literatura é arte de criar e compor textos. Muitas são as tentativas de defini-la, entretanto não existe um conceito único, ou seja, varia de um autor para outro. Segundo Eagleton (2006), a literatura não se baseia na narrativa ficcional ou imaginária, mas sim pela linguagem característica que possui. O ritmo, a força está acima do significado abstrato, uma vez que, há divergência entre os significantes e significados das palavras. Assim, a literatura é uma forma diferente de linguagem, em contraste com a linguagem comum, por isso, muitas das vezes o texto causa estranheza, entretanto, é a partir do choque leitor versus mensagem que se gera a compreensão do texto.

Eagleton (2006) aborda a definição de literatura criticada pelos formalistas russos que dizem ser, a princípio, uma linguagem voltada para a tessitura da obra, feita para ser analisada, descartando a ideia de tê-la como expressão do pensamento do autor. Assim, os formalistas dedicavam-se aos estudos da forma literária. Nessa forma, elementos como som, ritmo, sintaxe, métrica, rima e técnica, estão presentes, antes não considerados por eles como elementos relacionados em si. Esses elementos juntos causavam estranhamento, sabendo que, o estranhamento é o fator que marca a obra literária da linguagem não familiar. Por isso, os formalistas vão considerar a linguagem literária uma agressão contra a linguística por fugir das regras e normas da linguagem usual.

Essa concepção é evidenciada na fala de Eagleton quando discorre que “os formalistas, portanto, consideravam a linguagem literária como um conjunto de desvios de norma, uma espécie de violência linguística: a literatura é uma forma ‘especial’ de linguagem, em contraste com a linguagem ‘comum’ que usamos habitualmente” (EAGLETON, 2006, p.6).

Entretanto, o autor supracitado expõe que embora a linguagem literária fuja das normas consideradas corretas, esclarece que a linguagem perante o contexto social ou histórico varia e, por isso, o que é considerada norma para um, já para outro considera um afastamento de um padrão comum. Os formalistas compreenderam essa questão de variação e adota a característica da ‘estranheza’ para considerar literário e diferenciar os discursos, a considerar “que a essência do literário era ‘tornar estranho” (EAGLETON, 2006, p.8). Diante disso os formalistas vão considerar apenas a poesia como literatura, excluindo a piada, o conto e outras formas de expressão.

Diferentes enunciados podem ser julgados de diferentes maneiras, nesse contexto um enunciado pode ser tomado como literário ou não a depender do sentido que o sujeito atribuir, sendo assim, “literatura pode ser tanto uma questão daquilo que as pessoas fazem com a escrita como daquilo que a escrita faz com as pessoas” (EAGLETON, 2006, p.10). Outro ponto para refletir sobre o conceito de literatura que podemos pensar, é quando o autor, ao criar uma literatura escreve com uma intencionalidade, entretanto, “[...] a literatura é um discurso ‘não pragmático’[...]” (EAGLETON, 2006, p.11). Assim, a resposta que o autor pretende com sua obra pode não ser alcançada, pois “[...] ela não tem nenhuma finalidade prática imediata [...]” (EAGLETON, 2006, p.11). Muitas das vezes, a forma com que o autor se expressa não é para ser entendida no sentido literal, e sim uma maneira de falar sobre algo. E é essa maneira que o autor enfoca como uma característica da literatura “[...] uma espécie de linguagem *autorreferencial*, uma linguagem que fala de si mesma [...]” (EAGLETON, 2006, p.12).

Conforme Eagleton (2006), o valor real e a importância prática da maneira de falar o enunciado são relevantes para o êxito da literatura. Sabe-se que o discurso não pragmático é uma característica da literatura, todavia, levando em conta esse fator não é possível defini-la precisamente. Assim, “a definição de literatura fica dependendo da maneira pela qual alguém resolve *ler*, e não da natureza que é lido” (EAGLETON, 2006, p. 12). Contudo, em alguns gêneros literários como, poemas, peça de teatro e romances a intenção do autor da obra é ser abstrato, entretanto, não é possível ter um controle sobre o sentido que se atribui.

Conforme Eagleton (2006), no que diz respeito a classificação de um texto, durante sua construção, ele vai ser julgado para um seguimento que pode ser literatura, história ou filosofia e, ainda mesmo que a princípio classifique como literatura, pode não ser seu valor final. O autor ainda acrescenta que:

alguns textos nascem literários, outros atingem a condição de literários, e a outros a condição é imposta. Sob esse aspecto, a produção do texto é muito mais importante do que o seu nascimento. O que importa pode não ser a origem do texto, mas o modo pelo qual as pessoas o consideram. Se elas decidirem que se trata de literatura, então, ao que parece, o texto será literatura, a despeito que o seu autor tenha pensado (EAGLETON, 2006, p. 13).

Para o autor, o texto se molda nos olhares dos leitores que julgam a obra ser literária ou não a partir da relação que se estabelece entre o escritor e o leitor, ou seja, as pessoas não se limitam a características ditas literárias, apenas classificam pela afinidade com a mesma. Assim, não se valerá de elementos definidos como literários, pois não são inerentes para declarar o escrito como literatura. Nesse sentido, segundo o autor, a literatura não possui uma característica evidente pela escrita e sim pelo valor que lhe é dado.

Grande parte das pessoas tendem a considerar literatura com o que é belo, ou seja, fazem relação com elementos que julgam compor uma bela escrita e exclui o que não consideram. O belo se refere no escrito a algo que se considerava valorizado e muito respeitado na literatura. Entretanto, segundo Eagleton (2006), ao longo do tempo o conceito de literatura varia de acordo ao valor que lhe é atribuída a determinada época, situações específicas, critérios e objetivos.

Os elementos encontrados nos textos tendem a mudar seu valor diacronicamente, isso acontece através de uma reescrita e ou uma releitura da sociedade ao dar seu juízo de valor perante a obra, ou seja, pode-se discordar do que é imposto em certo período em outro não é e vice-versa. Afinal, a literatura não se conceitua como algo fixo e sim como algo modal da relação sociedade e o meio. Classifica-se literatura, então, a partir de suas crenças e ideologias sociais que de certa maneira é imposta pelos grupos maiores que agenciam grupos menores.

As obras literárias vão desde os clássicos aos contemporâneos, no que tange a literatura infantil/juvenil, a princípio, surge com intuito didático e moralista. Conforme aponta Santos (2011), o princípio e a ascensão da infância no decorrer da história, fundamentando com o pensamento que ela traz de Philippe Ariès, em seu livro *A história social da infância e da família*.

Em sentido mais amplo e conjunturalmente, Santos (2011) vai destacar que, até o final do século XVII, não existia infância, nem afetividade para com as crianças. Elas não eram vistas representadas em telas ou retratos da época. Em síntese, a autora vai dizer que as crianças eram retratadas como um adulto em miniatura com músculos e traços definidos. Santos (2011), baseando-se nos estudos de Pellhipe Ariès, diz que isso se dava pelo fato das crianças estarem presente nos mesmos ambientes que os adultos, isto é, compartilhavam da mesma esfera social, cultural e de ambientes de informação. A fase da infância não era reconhecida, não havia comemoração do nascimento de uma criança, pois nasciam e morriam muitas crianças por doenças, miséria, falta de higiene.

Segundo Àriès, citado por Santos (2011), aos poucos as crianças ganharam espaço nas representações artísticas e exemplifica em sua tese com exemplos de representações da criança sempre junto à família, isso até o século XVI. Já no final do século XVII a situação muda, as crianças passam a ser representadas no ambiente em grupo, e é nesse período que principia um novo gênero literário, o ‘infantil’.

Com a Revolução Industrial e ascensão da burguesia se transfigura a constituição da sociedade. A sociedade passa de tradicional, estável, para variável, móvel. Santos (2011), a partir da leitura da possibilidade de *vir a ser* de Eneida Leal Cunha, no texto “*Era uma vez: história para leitores menores*”, cita a uma nova expectativa direcionada para a criança, em que o *vir* gera uma esperança nova para a população. Com isso, a criança passa a ter cuidados especiais na educação, saúde, etc., pois agora elas representam o futuro da nação e torna-se o centro familiar.

Santos (2011) considera que o Estado tinha um tratamento diferenciado para as crianças em relação à classe social. Isso quer dizer que, nem toda criança tem direito a infância, deste modo, com direito desigual também era a educação, formadas com espírito de separação social.

Como público infantil, a princípio, eram consideradas as crianças do sexo masculino (filhos de burgueses) com propósito de mais tarde assumir os bens da família. Apenas mais tarde que as crianças do sexo feminino são inclusas no cenário infantil e, para as crianças pobres, era destinado à mão de obra barata. Devido a mudanças econômicas e sociais e de relação de poder, nasce a necessidade de ter instituições que preparassem a criança futuro adulto. A partir deste princípio, é escolhida a família, a escola e os principais lugares em que prepararam as crianças para um futuro promissor. Antes da invenção da infância, século

XVII, as crianças não tinham preparação para fase adulta, pois seus futuros já estavam predestinados antes mesmo de nascer (SANTOS, 2011).

Sabe-se que a invenção ou descoberta da infância aconteceu na Europa com a finalidade de “incutir nos pequenos leitores valores morais” (PERES, 2007). Para isso, as crianças agora já consideradas diferente dos adultos vão para escolas do tipo internatos para conservar a pureza e para o não alcance da influência negativa do público adulto. Estimuladas para uma boa índole as crianças recebiam orientação imposta pela Igreja (PERES, 2007).

A produção de literatura cresce e, em sua totalidade, o público infantil e juvenil ganha mais obras para disciplinar e ou moldar as crianças em seu caráter. Conforme Peres (2007, p.05) as “adaptações dos irmãos Grimm, filósofos e folcloristas da Alemanha, que se preocuparam em fixar as narrativas em seu país a partir de 1812” dão o tom moralista nas narrativas que se intensificam, entretendo, independente dessa versão de texto, as obras agradavam ao público infantil/ juvenil e adulto.

Já no Brasil, a literatura infantil/juvenil só chega ao final do século XIX, bem na época da abolição da escravatura e surgimento da República. O Brasil, que estava em uma fase de transfiguração, outrora, o acesso a literatura infantil/juvenil eram os contos de fadas e as obras pedagógicas europeias que se davam por meio das traduções portuguesas. Vale ressaltar que o surgimento dessa literatura no Brasil vai tratar em suas narrativas através da didática ao amor pelo país (PERES, 2007).

Através da educação básica há o aumento na produção do livro infantil e didático (PERES, 2007). Sobre isso a autora acrescenta:

entre os autores que começam a produzir para crianças nesse período, recebe destaque o nome de Olavo Bilac, que, em, 1904, após já ter se firmado como autor para adultos, publica contos e poemas endereçados ao público infantil (e escolar), marcados por um nacionalismo ufanista. Versos como “Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste! / Criança! Não verás país nenhum como este!” constituíram leitura obrigatória de gerações e gerações de crianças brasileiras (PERES, 2007, p. 6).

Apesar de ser um autor que escreve para adultos, a partir da chegada da literatura infantil, Olavo Bilac como outros autores da época, passam a investir nas narrativas para os pequenos leitores. Como era de interesse do Estado e da instituição escolar, as obras eram moralistas, almejando inclusive recompensa financeira. Estes autores aproveitavam do vínculo com o governo e propagavam suas narrativas. Pode-se perceber também, traços dessa didática do amor à pátria até pouco tempo ainda frequente no ambiente escolar, em que se

cantava o Hino Nacional nas escolas antes da aula e é de conhecimento também o hino nacional expresso na última capa do livro didático.

Segundo Peres (2007), na década de 30, com Monteiro Lobato a cena se repete. Ele escrevia livros para adultos depois permuta para o gênero literatura infantil. Ele é considerado o pai dessa literatura no Brasil e teve muito sucesso com seu livro *Sítio do Pica-pau-amarelo* que depois passou a ser exibido em episódios pela Rede Globo de televisão. Nas décadas de 30 e 40 surgem outros escritores para o mesmo gênero, são eles: José Lins do Rego, Erico Veríssimo, Luiz Jardim, Lúcio Cardoso, Graciliano Ramos. Ainda nos anos 40, temos Guilherme de Almeida, Enriqueta Lisboa.

Já nos anos 60 é a vez de Cecília Meireles. Nesse mesmo período houve grande estímulo à literatura infanto-juvenil, com a Fundação do Livro Escolar, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Centro de Estudos de Literatura Infantil, dentre outros. Entretanto, é, na década de 80, o apogeu da literatura infanto-juvenil, em que houve grande produção destinada aos jovens. Desse novo grupo, vale ressaltar: Ana Maria Machado, Bartolomeu Campos de Queiróz, Elvira Vigna, João Carlos Marinho, Lygia Bojunga Nunes, Ruty Rocha, Ziraldo, dentre outros. Alguns deles continuam escrevendo para o público infantil/juvenil até os dias de hoje (PERES, 2007).

Peres (2007) em seu texto faz um questionamento sobre como está sendo escrita a literatura infantil/juvenil nos dias atuais indagando se estas literaturas acrescentam valores ao seu público, ou se tem benefício para a vida e quais razões de tê-las na escola. A autora supracitada relata, através de uma pesquisa nos anos finais da década de 90, algumas características presentes nas narrativas brasileiras para tentar explicar essas questões indagadas acima em que se destacam: a) cuidado na preparação e impressão dos originais, inclusive nas ilustrações; b) apresentação de temas caros à contemporaneidade, contudo ainda com traços do didatismo.

A maioria dos autores da década de 90 fazia luz de um escrito padrão específico para o gênero literatura infantil, ou seja, escreviam endereçadas aos pequenos leitores utilizando de características ditas cabíveis para o público infantil. Diante disso, Peres cita um autor que contradiz esse tipo de pensamento e endereçamento da literatura, que diz:

Escrevo pelo prazer de escrever e faço o melhor de mim nesse gesto. Se meu texto é eleito pela criança, sinto-me realizado pelo que há de honesto na infância. [...] Espantam-me as pessoas capazes de traçar cânones, normas, ensinando como construir um texto para “pequenos” com muito diálogo, muita ação, frases curtas, sem esquecer o humor. Nada de tristezas [...]

Escuto sempre, daqueles envolvidos diretamente com a formação do leitor, a seguinte frase: ‘Não dou esse livro para as crianças porque elas não vão entender o que o autor quis dizer’. E por acaso o professor, o orientador, os pais, entenderam? Cada um lê no texto a sua experiência [...] (QUEIRÓS, 1997 p. 42-43, apud PERES, 2007, p. 09).

E ainda, no final do século XX, os autores continuavam julgando a capacidade mental da criança por impor tolerância e limites nos temas e linguagem simples, assim como, utilizar frases curtas, pela presença do humor na maior parte das obras, demonstrando apelo ao público infantil com explicações infantis.

## 2.2 LITERATURA E ALTERIDADE: UMA ABERTURA CONTEMPORÂNEA

A princípio, as obras da literatura infantil começam a ser utilizadas para a formação das crianças pela escola, mas nela só podia conter o que os autores achassem convenientes a esse público, no que diz respeito a conduta, valores e ideologia. Até pouco tempo não se falava nesta literatura, em violência, preconceito, inclusão, homossexualidade, dentre outros temas.

A abertura para temas relacionados às diferenças começa a surgir, basicamente nos anos de 2000. Isso refletiu no aumento das produções direcionadas ao público infantil. Com isso, nesse período, a literatura infantil aparece como um gênero favorável para tratar das diferenças étnicas, etárias, raciais, de deficiência, orientação sexual, de gênero, de conformação corporal. Em conformidade com os educadores, através dos meios culturais de entretenimento de abordar temas nos gêneros além dos livros de literatura infantil, desenhos animados, jogos, filmes produzem bons resultados (KIRCHOF; BONIN; SILVEIRA, 2013). Segundo esses autores, os movimentos políticos e sociais, inclusive os processos de globalização, favoreceram a difusão da temática das diferenças nos dias atuais.

De acordo Hall (1997 apud KIRCHOF; BONIN; SILVEIRA, 2013), essas migrações ocorrem devido a questões políticas e econômicas que permitiram o contato com pessoas ‘diferentes’, ou seja, sujeitos diferentes pela nacionalidade, etnia, raça, ou pela concepção da anormalidade, compreendidos como incompletos, deficientes e estigmatizados por possuir uma estética que não atende os padrões ditos pela sociedade. Essa temática passa a ser vista também na literatura infantil com o intuito de promover, para além do âmbito escolar, a conscientização desta realidade.

As ações políticas governamentais de inclusão social influenciaram e influenciam na promoção da temática sobre as diferenças. As novas políticas educacionais implementadas durante os últimos anos no Brasil deram oportunidades para os diferentes, por exemplo, o acesso à Universidade e a concursos públicos através de cotas referente a etnia, raça, ou condição corporal.

No que diz respeito o campo da cultura da literatura infantil,

[...] a temática das diferenças tem adquirido uma grande relevância nas duas últimas décadas [...], avolumando-se ano a ano o acervo de livros que exploram, em suas narrativas, diferenças étnicas, etárias, raciais, sexuais, de gênero, de conformação corporal, entre vários outros. É possível perceber inclusive, a constituição de nichos literários específicos que contemplam algumas diferenças, através da adjetivação do próprio substantivo *literatura*, como é o caso da literatura indígena, literatura negra, a literatura surda [...] (KIRCHOF; BONIN; SILVEIRA, 2013, p. 1047).

Segundo os autores supracitados, essas narrativas são bem contemporâneas. Antes não eram bem vistas no cenário da literatura infantil por não agradar ao público leitor que a caracterizava de forma estereotipada. Entretanto, essa cena muda quando entram em rigor as perspectivas multiculturalistas e políticas de inclusão que repercutem em mudança nas representações dos personagens diferentes nas literaturas infantis.

Essa nova literatura infantil adentra no âmbito escolar, incutindo as temáticas das diferenças, fomentando nos alunos um “novo agir” perante as mesmas. Seguindo a perspectiva das concepções multiculturalistas de tolerância e de respeito às diferenças, críticos e intelectuais voltam-se para a desconstrução de representações de minorias discriminadas. Vale ressaltar outro ponto positivo no âmbito escolar no que diz respeito o acervo de livros de literatura infantil para escolas públicas, que passam por avaliações que tem como critério adotar as mais variadas expressões das diferenças (KIRCHOF; BONIN; SILVEIRA, 2013).

Os autores referenciados apresentam no texto intitulado “*Literatura Infantil e Diferenças*” um dossiê com nove textos que analisa o entrelaçamento entre literatura infantil com diferentes temáticas dentro dessa linha das diferenças, com objetivo de alcançar o público de pesquisas e do campo educacional. Todavia, os autores dos artigos ressaltam da necessidade de evoluir, ou seja, que não basta criticar, acolher e aceitar as diferenças, mas sim refletir sua significação e como são sustentadas dentro da sociedade.

### 2.3 LITERATURA SURDA: DO QUE ESTAMOS FALANDO?

Sabe-se que as histórias antes da descoberta da escrita foram passadas de geração em geração, contadas de forma oral para os sujeitos ouvintes. Para os surdos, as histórias eram contadas por sinais acordados com sua comunidade. É somente com o desenvolvimento das tecnologias visuais que essas histórias começaram a ser registradas. Para o povo surdo, suas memórias e vivências aparecem em variados gêneros como: poesia, conto, história de surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas, romances, lendas, dentre outras publicações culturais. Essas manifestações culturais estão dentro do conjunto chamado literatura surda.

A literatura surda refere-se às várias experiências pessoais do povo surdo que, muitas vezes, expõem as dificuldades e/ou histórias das opressões ouvintes, de como se saem em diversas situações inesperadas, testemunhando as ações de grandes líderes e militares surdos, e sobre a valorização de suas identidades surdas (STROBEL, 2009. p.62).

Assim, a literatura surda funciona para os surdos um desabafo sobre suas vivências, em que expõe sua forma de conceber o mundo pelo visual, muitas das vezes incompreensíveis pela sociedade normatizadora que ainda não compreende que o surdo tem sua própria cultura, ou seja, seu modo peculiar de se exprimir no mundo e produzir, seja conhecimento, tecnologias, etc. A literatura surda surge com esse propósito de fortalecer sua cultura, sua identidade, sua comunidade, como representação dos ideais das associações e grupos que lutam pelo (re)conhecimento dos seus direitos, perante uma sociedade engessada de crenças e preconceitos sobre a realidade surda.

Segundo Morgado (2011), devido às crianças surdas viverem num mundo em que os ouvintes são a maioria, as oportunidades dadas as crianças ouvintes não são as mesmas que são dadas as crianças surdas. Por isso, há necessidade que se disponha de literaturas para dar estímulo, desenvolvimento, enriquecimento cultural, linguístico e cognitivo, ou seja, seja a porta para o conhecimento do pensar, agir, tomar consciência, torna-se autônomo e ter autoestima. Para além desses benefícios, Azevedo (2009) fala que:

a literatura não serve só para desenvolver a leitura e a escrita, serve também para desenvolver competências na interação social, estimula o raciocínio crítico e a percepção do mundo de forma ingênua. A literatura é uma chave para a participação no mercado de trabalho, na comunidade e cidadania. (AZEVEDO, 2009 apud MORGADO 2011, p.155).

Nesse sentido, a significância que a literatura proporciona na vida de uma criança é incomensurável, uma vez que intermedeia o (re)conhecimento da identidade, ou seja, a criança se vê representada através de características da sua cultura. Talvez, a literatura considerada surda seja para ela um meio de preparação para o mundo, uma permissão para novas possibilidades de ser e viver.

É relevante dizer também que a literatura surda é um artefato da cultura surda, uma vez que, numa narrativa ela se apropria da Língua de Sinais para expressar valores de uma determinada comunidade, ou seja, o autor/narrador das literaturas, principalmente os autores surdos podem se auto representar, firmando sua identidade e a difusão de sua língua através da sua leitura de mundo.

Segundo Porto e Peixoto (2011), os surdos ao se apropriarem de sua língua e do poder que ela tem, começaram a desenvolver produções imagéticas sobre ela. Essas produções são caracterizadas como literatura visual, ou seja, um tipo de literatura produzida a partir do campo da visão para obter as informações necessárias. Essa produção literária surgiu através da comunidade surda, em que havia militância das associações, grupos e demais envolvidos na luta para serem reconhecidos e favorecidos seus direitos.

Com o fortalecimento da Língua de Sinais começaram a pluralizar as produções da literatura visual, contribuindo para formação de conhecimento e visão de mundo de forma coletiva. Entretanto, com a imposição do oralismo no final do século XIX, grande parte do que se construiu se perdeu, pelo fato da Língua de Sinais ainda não ter um sistema de transcrição e somente está na mente dos integrantes das comunidades.

Nos dias de hoje a escrita da Língua de Sinais já é real. Existem vários sistemas de registro de escritas de sinais. No Brasil, o sistema que teve maior adesão foi o *SignWriting* devido sua difusão em cursos de Letras/Libras. Assim, em 2003, tivemos a publicação de uma literatura surda em escrita de sinais intitulada *Cinderela Surda* da autoria de Lodenir Becker Karnopp, Caroline Hessel e Fabiano Rosa.

Apesar da difusão da *SignWriting*, essa forma de registro ainda tem sido pouco usada no dia a dia na comunicação entre surdos e também são poucas literaturas transcritas para essa escrita. Para Karnopp (2010), o ensino através do vídeo é interessante, todavia a escrita de sinais (*SignWriting*) é uma potente ferramenta de ensino aprendizagem.

Mesmo de maneira tímida, histórias estão sendo contadas e recontadas em publicações na escrita dos sinais fazendo com que propague a escrita da Libras, no entanto, o público

leitor dessa língua ainda é pequeno. Possivelmente, isso se dá devido à não-inclusão da mesma no currículo escolar.

Além da produção em escrita de sinais, a literatura surda também é produzida em escritas em língua portuguesa, a exemplo da obra intitulada *Tibi e Joca*, da autoria de Claudia Bisol, no ano de 2001 (MOURÃO, 2011). A maioria das produções literárias surdas são registradas em vídeo, em Língua de Sinais, ou seja, na modalidade viso-espacial.

As Novas Tecnologias da Informação surgem como forma de mudança no ensino e aprendizagem da Literatura Surda, voltado para o uso de meios de comunicação tais como: gravação de histórias através de fitas VHS, CD, DVD ou de textos impressos que apresentam imagens, fotos e/ou traduções para o português. A palavra tecnologia tem sua etimologia na palavra grega “*Téchnē*” que significa “saber fazer”. E para ensinar a fazer é preciso que o professor trabalhe dentro dos limites do recurso tecnológico utilizado em ambiente e estrutura propícia.

Atualmente, existe no Brasil uma revista em vídeo registro em Libras, que tem sido um suporte de diversas publicações, intitulada Revista Brasileira de Vídeo Registro em Libras. Essa revista até compõem o acervo de Literatura Surda. As produções são publicadas em vídeos em Libras. Iniciou-se a partir de um projeto

Conforme Porto e Peixoto (2011), são três os tipos de produção literárias visuais produzidas, a saber: a) a tradução para a Língua de Sinais dos textos literários escritos; b) adaptações, seja em Libras ou em Língua Portuguesa, dos textos clássicos à realidade dos Surdos; c) a produção de textos em prosa ou verso feitos por surdos.

### *Tradução para a Língua de Sinais dos textos literários escritos*

As autoras citam exemplos para cada modalidade. Para a primeira aborda o conto traduzido para Libras *O caso da vara*, e também cita o conto clássico infantil *Pinóquio*, ambos traduzidos em 2005 numa perspectiva de tradução cultural para a Libras por Heloíse Gripp Diniz e Nelson Pimenta, conforme *Figura 1*.

Figura 1: Tradução de obras literárias para a Libras



Fonte: Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=2YR7YmdEY6Q>>

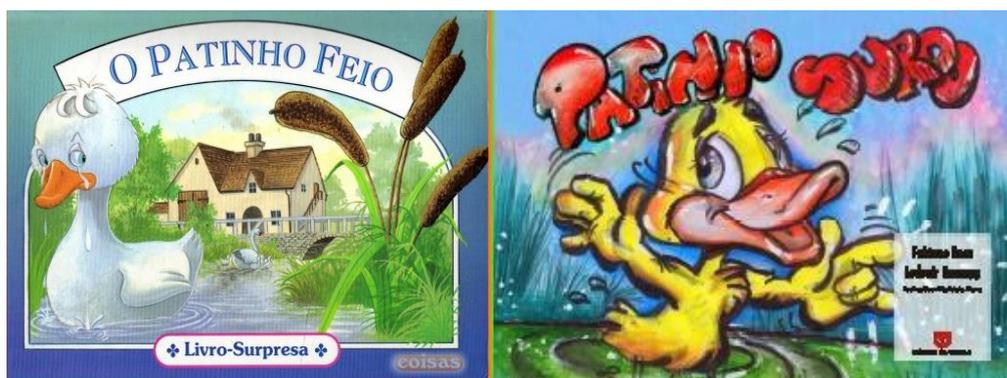
e <<https://www.youtube.com/watch?v=NgNo68RvzpI>>

Essas obras estão disponíveis na coleção Clássicos da Literatura em Libras/ Português, produzido pela Editora Arara Azul com o apoio do MEC/SEESP e do FNDE.

### *Adaptações dos textos clássicos à realidade dos Surdos*

Em relação às traduções adaptadas dos textos clássicos à realidade dos surdos, pode-se citar o exemplo do conto *Patinho Surdo*, que é uma adaptação do conto clássico infantil *O patinho feio*, conforme *Figura 2*.

Figura 2- Adaptações de clássicos ao contexto da surdez



Fonte:Disponível em <[http://www.coisas.com/O-Patinho-Feio-livro-de-armar-1994,name,219860801,auction\\_id,auction\\_details](http://www.coisas.com/O-Patinho-Feio-livro-de-armar-1994,name,219860801,auction_id,auction_details)> e  
<<http://nomundodalibras.blogspot.com.br/p/literatura-surda.html>>

No caso, desse conto adaptado, o autor ressignifica a obra abordando a cultura dos surdos. Trata-se da literatura surda que será analisada no próximo capítulo. Outro exemplo para essa modalidade, é o conto clássico infantil *Cinderela* que, adaptado numa perspectiva surda, é intitulado *Cinderela Surda*.

### ***Produção de textos em prosa ou verso feitos por surdos***

Em relação à produção elaborada pelos surdos, Porto e Peixoto (2011) citam como exemplo piadas de surdos partindo do pressuposto que todas as línguas podem produzir piadas, todavia, se adapta a sua respectiva cultura. Elas informam que a internet é um meio pelo qual se tem acesso às piadas produzidas pelos surdos.

Sobre isso, Morgado (2011) relata que, tanto para a produção, quanto para compreensão sobre o gênero piada, há necessidade de fluência na língua, uma vez que a beleza e sentido do humor se concentram na perspectiva visual, de exclusividade da cultura e identidade dos surdos.

Outra produção dos surdos que Porto e Peixoto (2011) trazem é a poesia surda. Segundo Sutton-Spence (2005, *apud* PORTO e PEIXOTO, 2011, p. 174), este gênero não faz parte da tradição cultural da comunidade surda apesar "dos registros apresentados em Fisher e Lane (1993)" nos informarem a existência de poetas surdos nos séculos XVIII e XIX.

Os estudos sobre a poesia em Língua de Sinais americana (ASL) têm apresentado contribuições significativas na produção, tais como: credibilidade e avanço da Língua de

Sinais estabelecidos pelos estudos feitos às poesias sinalizadas; diversão proporcionada pela poesia; contribuição na construção de uma identidade surda positiva. (PORTO e PEIXOTO, 2011).

Vale ressaltar Doroth Miles (1931-1993), uma das pioneiras da poesia em Língua de Sinais nos Estados Unidos e na Inglaterra, que utilizou suas poesias e poemas como militância na defesa do povo surdo contra a opressão pela classe ouvintista, vendo isso como essencial para firmar a identidade dos surdos. Isso é comum para “muitos poetas surdos autores que recorrem à forma de arte poética em língua gestual para mostrar a opressão e o sofrimento a que a comunidade surda esteve sempre sujeita” (MORGADO, 2011, p. 167).

Como exemplo, no Brasil, podemos citar a poesia *Luz sem Fim* de Nelson Pimenta publicada em 14 de maio de 2011 no site <https://www.youtube.com/watch?v=bGrHMdBqIs8>, que pode ser comparada com a luta e resistência dos surdos no uso da Língua de Sinais, retratando o processo histórico de proibição da Língua de Sinais.

Ainda segundo Morgado (2011), há uma alteração no sentido da poesia que se utiliza somente a Língua Sinais para a poesia traduzida da escrita portuguesa para a língua sinalizada, em que se considera como poesia de língua gestual legítima unicamente as que são produzidas em Libras. Esse pensamento diverge dos tipos de produções literárias de Porto e Peixoto (2011) que consideram tradução e adaptações como literatura surda.

Em conformidade com Porto e Peixoto (2011), acredito que, tanto a modalidade de tradução quanto a de tradução/adaptação é literatura surda, uma vez que, ao atribuir sentido às palavras seja de qual for o gênero: piada, conto, poesia, poema, traz consigo significação da comunidade surda.

Já no poema, a Libras se revela para além da estrutura do texto e versos, para além do entendimento e experiência. Ela conta com expressões faciais e corporais do poeta a exemplo disso Porto e Peixoto (2011) cita Nelson Pimenta, primeiro ator surdo a se profissionalizar no Brasil.

Além dessas produções literárias, as histórias e tradições das gerações dos surdos mais velhos tem um significado essencial na vida das crianças surdas. Através do contato, é possível absorver informações para formação e fortalecimento de sua comunidade, da sua língua, além de desenvolver o caráter e a vocação. Trata-se da herança da cultura surda que é passada de geração para geração, em que há necessidade diária da presença das crianças nesses ambientes de integração. Quando não se tem esse relacionamento, gera consequências

diante a questão psicológica, linguística e mental da criança, ou seja, afeta sua identidade (MORGADO, 2011).

*As maiores coisas do mundo e as mais belas  
não podem ser vistas e nem sequer tocadas.  
Devem ser sentidas no coração*  
(Helen Kellen)

### 3 COMO CONTAMOS ESSE CONTO?

Este capítulo objetiva descrever de forma sucinta, os caminhos percorridos para o desenvolvimento desta pesquisa. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, que dialoga com teses, livros e artigos do campo da literatura, que foram selecionados a partir do recorte do tema deste trabalho. Para análise do conto *Patinho Surdo* utilizaremos a análise de conteúdo, que se caracteriza pela "busca de outras realidades por meio de mensagens" (BARDIN, 2011, p. 50).

A pesquisa qualitativa "corresponde ao aprofundamento do conhecimento para interpretar, mediante análise de conteúdo, o contexto do objeto que está sendo pesquisado" (DEL-MASSO, COTTA e SANTOS, 2014, p. 12). Na abordagem qualitativa não são os dados numéricos que influenciam na análise, mas a interpretação e descrição dos fenômenos comportamentais, psicológicos, das concepções, situações, contextos sociais, produções, etc.

Para tanto, inicialmente, nos debruçamos em leituras de teóricos que discutem a questão da literatura infantil e, em especial, da literatura surda a fim de compreender os conflitos vivenciados pelos surdos simbolizados no conto *Patinho Surdo* e, posteriormente, apontamos algumas inferências a serem analisadas no conto, a saber, a) a descoberta da surdez; b) diferença linguística; c) profissional intérprete; d) diferença e alteridade.

#### 3.1 O CONTO PATINHO SURDO

O conto *Patinho Surdo* é uma das primeiras obras do gênero literatura surda. Da autoria de Lodenir Karnopp e Fabiano Rosa, foi publicado em 2005 pela editora ULBRA, com ilustrações de Maristela Alano. A obra que utilizo aqui neste trabalho é a segunda edição fornecida pelo Centro de Apoio Pedagógico de Ipiaú- CAPI. Esse conto também encontra-se

disponível na internet através do acesso ao *Google, YouTube, bloges*, nas versões: vídeo, teatro e narrativa em Libras, todos com legenda em língua portuguesa. Trata-se de uma tradução/adaptação da obra clássica infantil *Patinho feio*. Nessa tradução/adaptação para a literatura surda os autores não economizam em trazer características da cultura surda.

A obra *Patinho Surdo* retrata a história de um patinho surdo que nasce no lar de um cisne ouvinte. A história começa com um casal de patos surdos junto a um bando de outros ouvintes que deslocam-se para a Lagoa dos Patos. Nessa lagoa, eles namoram por um longo tempo, logo, prepararam o ninho onde ela pretendia botar seus ovos. Até que ela sente dores e põe vários ovos naquele ninho que fizeram com tanto amor.

Um belo dia, a pata resolve passear pela lagoa feliz e encantada com a beleza daquele lugar. Porventura, a pata começou a sentir umas dores estranhas na barriga e decidiu voltar para casa o mais rápido possível, entretanto, percebeu que ainda estava longe do seu ninho. Preocupada, ela olhou em volta tentando achar outro ninho. Avistou um ninho desconhecido, onde resolveu sentar e pôr seu ovo para melhora das suas cólicas.

Desentendida, a pata não sabia que era um cisne ouvinte a dona do ninho. Aflita, a pata pedia em sinais por ajuda por ter perdido um ovo. A mãe cisne volta para o ninho e por um longo período aquece os ovos, até um dia em que os ovos começam a quebrar e nascem os filhotes que, ao sair do ovo, começam se comunicar falando ‘oi’, todavia, tinha ainda um ovo inteiro. Depois de um tempo nasce o patinho surdo e todos o observam. Logo, a mãe cisne tenta se comunicar com ele falando, por algumas vezes, mas não obtém sucesso. O patinho surdo continuava sem falar, causando estranhamento dos pais.

De repente, o patinho se comunicou através de sinais para espanto deles. Dias depois, os pais ensinam os filhotes a cantar, entretanto, o patinho surdo não cantava, com isso, triste e cabisbaixo decide passear sozinho pela lagoa, refletindo sobre o porquê dele ser diferente dos demais e imaginava que não era daquela família.

Logo, avistou outros patinhos que, por serem surdos conseguem se comunicar em sinais e fica muito feliz por encontrar naqueles patinhos as mesmas características dele. A partir daí o patinho surdo começou a aprender a Língua de Sinais da Lagoa. Feliz por conseguir se comunicar, ele volta para casa pensando ser integrante daquela família. No outro dia, ele retorna e aprende novos sinais com os amigos, nisso, aparece a pata e chama atenção para avisar o mal-entendido, ou seja, que aquele patinho surdo é filho dela, todavia, nasceu em um lar diferente.

A princípio, o patinho surdo estranhou aquela história de nascer num lar de ouvintes e a mãe prometeu esclarecer tudo com sua mãe cisne, para tanto, contratam um sapo intérprete. Com a história esclarecida, o patinho surdo esbanja alegria em conhecer sua família e a Língua de Sinais da Lagoa, de modo igual, ambas as famílias, de patos e cisnes, seguiram felizes na Lagoa dos Patos.

### 3.2 SOBRE OS AUTORES

Um dos autores da obra *Patinho Surdo* é Lodenir Becker Karnopp, ouvinte, colaboradora nas suas produções de literatura surda como em diversos trabalhos voltados para a comunidade surda. Atualmente ela é professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em duas repartições no Departamento de Estudos Especializados e no programa de Pós-Graduação em Educação (FACED/ UFRGS). Quanto a sua formação é graduada em Letras, Mestrado e Doutorado em Linguística e Letras.

A autora supracitada contribui com pesquisas na área de Estudos Culturais em Educação e, também, no campo da Linguística, com enfoque em educação de surdos e Língua de Sinais. A exemplo disso, ela foi coordenadora geral do Projeto 'Literatura Surda'. E ainda é bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), na categoria de Produtividade em Pesquisa 2.

Realizou pesquisas no Brasil e no exterior. Em 2016, recebeu o prêmio de excelência em Pesquisa na Gallaudet University "The Dr Rachel Hartig Award for Research Excellence" do Department of World Languages and Cultures. (CNPq, 2017).

O outro autor da obra se chama Fabiano Souto Rosa, surdo, atua como professor auxiliar de Língua Brasileira de Sinais no Centro de Educação à Distância da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). É Graduado em Licenciatura Plena Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Especialista pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Mestre em Educação. Faz parte do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos (GIPES). Além da autoria da obra *Patinho Surdo*, ele também colaborou com produção de outras narrativas a destacar: *Cinderela surda* (2003) e *Rapunzel surda* (2005).

Nada mais verdadeiro do que de onde você fala ser sua identidade, sua cultura! Assim a partir da visão de mundo do autor surdo e de pessoas entrelaçadas, como a autora ouvinte, a obra apresenta sentimentos e inquietações da vida do surdo.

Nesse conto, os autores abordam a dificuldade na comunicação do filho surdo com a família ouvinte. Essa questão é tão crítica que é representada em outras narrativas surdas, a exemplo de *Cinderela Surda* (HESSEL; ROSA e KARNOPP, 2003), *Tibi e Joca* (BISOL, 2001) e *Um mistério a resolver: o mundo das bocas mexedeiras* (AMIN, LÚCIA, VERA, 2008). Assim, diversos entraves são encontrados devido à diferença da forma de se comunicar, na verdade, no desconhecimento da língua do outro. E é, na literatura surda que essas questões são problematizadas, como o jeito de ser, de fazer, suas opiniões, dificuldades e preconceitos vivenciados perante a sociedade ouvinte majoritária.

A produção de literatura surda ainda é pequena e, além dos autores surdos, muitos ouvintes engajados nesse projeto têm colaborado com a propagação da cultura do surdo e da luta da comunidade surda.

*“O que importa a surdez da orelha, Quando a mente ouve? A verdadeira surdez, a incurável surdez, é a da mente”*

*(Ferdinand Berthier, surdo francês, 1845)*

#### **4. QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO: ANÁLISE SOBRE SURDEZ**

Este capítulo objetiva identificar na narrativa do conto *Patinho Surdo* as especificidades do contexto da surdez identificando simbologias representativas do contexto surdo. Assim, foi feita a análise a partir de quatro conflitos vivenciados pelos surdos simbolizados no conto *Patinho Surdo*, a saber: a) descoberta da surdez; b) diferença linguística; c) profissional intérprete e d) diferença e alteridade surda.

##### **4.1 O DIAGNÓSTICO DA SURDEZ: COMO A LITERATURA ABORDA TRABALHA A QUESTÃO DO DIAGNÓSTICO PELA FAMÍLIA?**

A surdez ainda é um paradigma a ser quebrado. Não é novidade ouvir concepções que a define como doença. Por muitas vezes, as pessoas relacionam o surdo a uma pessoa que precisa ser tratada por distúrbio cerebral. Essa concepção parte da classe majoritária ouvinte, que ainda, em sua maioria, encontra-se leiga sobre a cultura surda e seus direitos. Geralmente, a pessoa surda é definida pela anormalidade pela falta de algo e, por isso, a sociedade com um caráter discriminador, julga que eles são incapazes de desempenhar funções e atividades. Entretanto, a pessoa surda não só pode, como deve, desempenhar um papel na sociedade, assim como um ouvinte. Segundo Falcão (2012, p. 23), “o ser surdo é uma condição natural humana de ter a comunicação e a educação viabilizada pelo canal gestual visual, pelas expressões afetivas, físicas corporais, sem o uso, necessariamente da audição e da oralização como meio de comunicação”.

Ocorre que, a descoberta da surdez de um filho gera muitas das vezes mudanças de comportamento da família. Os sentimentos passam de medo, carinho para desprezo por eles

pensarem que o cognitivo da criança está comprometido. Segundo os estudos de Rodrigueiro e Yaegashi (2013) sobre a relação da família ouvinte e o filho surdo, a descoberta da surdez ocasiona sentimentos na família, classificados por Krynski (RODRIGUEIRO e YAEGASHI, 2013) em três fases: a primeira é do alarme; a segunda é culpa e a terceira é o reajuste.

A primeira fase ocorre imediatamente após a descoberta da deficiência, ocasionando sentimentos de angústia, rejeição e revolta. A segunda fase, de culpa, gera a rejeição e logo em seguida, a superproteção. E a terceira fase, do reajuste inicia a sublimação, racionalização e negociação com os sentimentos anteriores (RODRIGUEIRO e YAEGASHI, 2013).

A primeira fase destes sentimentos é identificada no conto no momento do nascimento do patinho surdo, conforme *Figura 3*.

Figura 3: Nascimento do Patinho surdo: sentimentos da família



Fonte: Karnopp e Rosa (2005, p. 15).

Conforme cena, os pais cisneis demonstram sentimentos de apreensão, susto, sentimentos vivenciados por familiares de surdos após descoberta da surdez. No conto, além da escrita esses sentimentos são identificados pela expressão facial do pai. Além disso, o número de interrogações na imagem conota a falta de compreensão sobre este momento, seja por parte do surdo como dos pais.

Além desses sentimentos a *Figura 4* mostra atitude de rejeição quando o pai cisne, em silêncio e pensativo, de afasta de seus filhos. Porém, a imagem da mãe já inicia a fase de superproteção compensadora.

Figura 4: sentimentos da família: rejeição e proteção.



Fonte: Karnopp e Rosa (2005, p. 16).

A forma como os surdos se comunicam com sinais gera estranhamento dos pais cisnes, levando a pensarem que o filho pato tem algum problema. Semelhante ocorre com crianças surdas que nascem em famílias ouvintes. Quando naturalmente as crianças surdas começam a desenvolver a linguagem através do balbucio manual e da gesticulação<sup>1</sup> (QUADROS e CRUZ, 2011), é justamente nesta fase, que muitos familiares passam a desconfiar da deficiência, conforme é representado no conto.

Contudo, a descoberta da surdez por uma família de surdos gera sentimentos contrários, visto que, para Strobel (2009, p. 53), "o nascimento de uma criança surda é um acontecimento alegre na existência para a maioria das famílias surdas, pois é uma ocorrência naturalmente benquista pelo povo surdo, que não vê nessa criança um 'problema social', como ocorre na maioria das famílias ouvintes." Esse fator é retratado no conto quando a mãe pata encontra seu filho.

<sup>1</sup> É o período pré-linguístico da aquisição e desenvolvimento da Língua de Linais (QUADROS e CRUZ, 2011).

Figura 5: Descoberta da surdez por familiares surdos



Fonte: Karnopp e Rosa (2005, p 22).

A mãe pata demonstra sentimento de acolhimento, afeto e alegria ao encontrar seu filho surdo, ao contrário dos sentimentos e das expressões dos pais cisnes quando descobrem a deficiência. Sobre a descoberta da surdez na família Falcão discorre que,

quando a surdez de um filho é encarada como desafio e busca, sem perder o entusiasmo e a alegria de viver, é possível promover diálogo e aprendizagem significativas em defesa de uma pedagogia diferenciada e norteadada pela estimulação precoce através da visio descrição sinalizada que garante cognição visual pelo uso da Língua de Sinais como argumento não apenas linguístico, mas também e principalmente, como instrumento educacional, intelectual e socioeconômico na perspectiva da autonomia e da liberdade como direitos sociais inalienáveis (FALCÃO, 2012 p.26).

O apoio da família é indispensável para o desenvolvimento cognitivo e social da pessoa com surdez desde a infância e para conquista da autonomia. No conto *Patinho Surdo*, quando a mãe cisne tenta se comunicar com o patinho surdo e não consegue, causa um estranhamento por parte da família.

#### 4.2 PAIS OUVINTES E FILHOS SURDOS: DIFERENÇA LINGUÍSTICA

O grande conflito na relação entre pais ouvintes e filho surdo, inicia devido às dificuldades na comunicação. Esse conflito é reportado no conto quando a mamãe cisne falou: "Oi! Bem-vindo à lagoa!" Mas o patinho surdo não respondeu. A mamãe insistiu: 'Oi!' Mas

*ele continuava sem falar!' O casal ficou apreensivo! O patinho então sinalizou: 'Oi, mamãe! Oi, papai!'. Os cisnes ficaram assustados!'" (KARNOPP e ROSA, 2005, p. 15).*

Infelizmente essa é ainda uma realidade nos dias atuais que, pelo não (re)conhecimento da Língua de Sinais e da cognição visual da família, gera conflitos na comunicação.

Por não compreender o significado dos sinais e de que o filho é surdo, a família não buscava meios para entender o porquê aquele patinho se comunicava diferente, pelo contrário, da mesma forma que a mãe cisne ensinava para os patinhos ouvintes, ensinava, também, para o patinho surdo.

Muitas vezes a falta de instrução dos pais em muitas famílias leva a educar a criança surda de tal forma, pois, “[...] simplesmente os pais não sabem como diferenciar a educação dos filhos surdos e permanecem anos a fio entre falar alto, gesticular, gritar, fazer movimentos de mãos, tudo sem oferecer nem construir diálogo” (FALCÃO, 2012 p.31).

Assim, “Muitos pais pensam que na criação dos filhos surdos tudo se dá igualmente como para qualquer outra criança. E para frustração de todos, repetem as regras de como foram criados o que efetivamente não tem procedência distante de uma criança visuogestual” (FALCÃO, 2012, p.31). Isso é visível no conto, como podemos conferir na *Figura 6*, quando os pais cisnes ensinam os filhotes a cantar, deixando o filho surdo marginalizado no contexto familiar. O sentimento de tristeza e desprezo é visível na imagem do patinho surdo e é um contexto similar na vida dos surdos em seus lares, ou seja, os surdos se sentem “um estranho no ninho” dentro de seu lar.

Figura 6: Conflito do surdo na comunicação com a família



Fonte: Karnopp e Rosa (2005, p 22).

Estima-se que cerca de 90 a 95% das crianças surdas são filhos de pais ouvintes. Muitos desses pais, junto com toda família, não sabem o quão é complicado ser surdo perante questões linguísticas, educacionais e emocionais numa sociedade ouvinte majoritária (WITKOSKI, 2017).

Com o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais, Libras, de 24 de abril de 2002, pela Lei nº 10436, regulamentada pelo Decreto nº 5626, esta língua se torna a língua oficial dos surdos do Brasil. Vitória não somente para os surdos, mas também para a comunidade surda, associações e grupos de militância. Foram conquistados novos direitos, com isso a esperança de novos episódios para a série família e sociedade.

Um dos direitos conquistados através dessa Lei foi o direito dos surdos à educação bilíngue, ou seja, o ensino da língua Brasileira de Sinais, Libras, como a primeira língua e Língua Portuguesa como segunda língua para o aluno surdo. Segundo a legislação exposta, o aluno surdo pode ser inserido em escolas e/ou classes bilíngues de surdos ou ainda incluso em escola regular.

Ocorre que, esse direito a educação bilíngue ainda não é reconhecido como essencial pela família na vida da criança surda. Os pais e/ou responsáveis se encarregam de escolher sobre o ensino se bilíngue ou não e entre classe se regular ou de surdos.

O inciso VIII do Art. nº 25 do Decreto nº 5626/05 afirma que o Sistema Único de Saúde - SUS e as empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos de

assistência à saúde devem garantir "orientações à família sobre as implicações da surdez e sobre a importância para a criança com perda auditiva ter, desde seu nascimento, acesso à Libras e à Língua Portuguesa" (BRASIL, 2005, p. 7).

No entanto, os pais não têm orientação de um profissional de saúde, garantido pelo decreto já citado, que assegura as pessoas com surdez ou deficiência auditiva o direito à educação, saúde, inclusive à família do assegurado, com informações concretas para que não haja dúvidas na melhor escolha educacional (WITKOSKI, 2017). "Muitos dos educadores, pais e professores, desconhecem como educar seus filhos e alunos resultando num processo marginal, simplista e retórico" (FALCÃO, 2012 p. 21).

Segundo Falcão (2012), o problema da comunicação começa logo na infância, no período antes da fala, quando a criança gesticula e aponta e não recebe estímulo para que aprenda e tenha uma experiência visual, na Libras devido à concepção preconceituosa de achar que se comunicar com as mãos é coisa "feia" ou "coisa de doido", corroborando na rejeição e desprezo (FALCÃO, 2012 p. 26). Assim, o problema não é a Língua de Sinais, ou a surdez, mas algumas das vezes a falta de estímulo da família ouvinte que não se esforça para se comunicar em Língua de Sinais.

O problema ainda aumenta quando, ao diagnosticar a surdez grande parte dos médicos, ao invés de apresentar às famílias os recursos tecnológicos disponíveis e a importância da Língua de Sinais, optam por mecanismos pedagógicos corretivos de normalização, como houvesse um erro para ser consertado, um caminho fatal para o futuro desses filhos. Essa concepção depreciativa não é vista apenas no âmbito médico, mas também nas representações sociais passadas de geração a geração regadas por um preconceito enraizado que perdura ainda em nossa sociedade (WITKOSKI, 2017). Essa construção estigmatizada é,

edificada a partir de rígidas classificações e hierarquizações binárias do ser humano do ser humano, que estabelecem que o normal é ser ouvinte, e que, a pessoa que não ouve é anormal. Dessa forma, os pais, pela falta de informações, por negação e temerosos pelo futuro de seus filhos, acabam optando por privá-los do direito à Língua de Sinais e uma educação bilíngue (WITKOSKI, 2017, p. 885).

Percebe-se que, com a falta de informação, os pais acabam por escolher, sem conhecer, as opções de educação para seus filhos, optando pela normalização, indicada por grande parte dos médicos, através da adoção do oralismo (treinamento da fala e da leitura labial).

Todavia, o oralismo não é uma garantia que a pessoa surda vai falar, ele, além de ser cansativo, exaustivo com muito treinamento da fala, muitos não obtêm sucesso e acabam se

decepcionando, gerando revolta. Pois, “a criança que nasce surda fica impossibilitada de adquirir a linguagem oral de forma natural” (WITKOSKI, 2017, p.04). É interessante destacar e apresentar à criança as duas línguas (Língua de Sinais e língua oral), até porque a Libras não desfavorece no aprendizado do oralismo. Entretanto, muitos surdos não obtêm o acesso pleno a uma língua estrutura, gerando muitos prejuízos na sua vida.

Como é o caso do patinho surdo, no conto, que já nasce surdo. O lar cisne, de pais ouvintes, lhe impõe, de forma inconsciente, o oralismo. Primeiro quando tenta se comunicar saudando o patinho ao nascer, esperando que ele repita e, depois, quando a mãe cisne ensina seus filhotes a cantar (Conf. *figura 3 e 6*). Segundo Falcão (2012, p. 27),

[...] os pais ouvintes precisam acreditar e reconhecer que através da Língua de Sinais o potencial reestruturante da mente e da sua cognição como processo de aprendizagem do/no/com o mundo e que toda a dor e o sofrimento causados pela “deficiência” sensorial do filho passam a ser minimizada e ressignificadas, com o fenômeno da plasticidade cerebral, pela percepção e intervenção linguística, reestruturante da mente e do intelecto pelo uso da Língua de Sinais, desintegrando o preconceito da “deficiência” como incapacidade.

O autor ressalta a importância da Língua de Sinais na vida da pessoa surda, que é por meio dessa língua que terá interação com o mundo na qual irá aprender e desenvolver sua competência linguística e cognitiva, da mesma forma que um ouvinte em sua língua oral. A falta de comunicação pelo meio visual pela família e escola gera risco para o desenvolvimento psicológico da criança com surdez (FALCÃO, 2012).

Portanto, as crianças que nascem surdas em famílias de ouvintes devem ter acesso as comunidades surdas o mais cedo possível para o desenvolvimento de sua língua e para que não tenha nenhuma perda no seu desenvolvimento (LACERDA e LODI, 2009). Podemos perceber a importância das comunidades surdas para o desenvolvimento social e cognitivo quando o patinho surdo encontra seus amigos, conforme *Figura 7*.

Figura 7: O aprendizado da Libras na comunidade.



Fonte: Karnopp e Rosa (2005, p. 19).

Strobel (2009, p.35) declara que, quando o surdo se sente excluído das comunidades ouvintes "devido às representações sociais 'normalizadoras' [...] podem ocorrer [...] o deslocamento de sujeitos surdos à comunidade surda". Para ela a formação da identidade surda ocorre quando há encontro com surdos nas comunidades surdas, inclusive a aquisição da língua.

Do mesmo modo, Lacerda e Lodi (2009, p. 41) ressaltam que "Torna-se necessário que a criança interaja com sujeitos surdos em Língua de Sinais para que possa desenvolver a linguagem e significar o mundo e a si própria, pois é nessa relação com outros, por meio da linguagem, que haverá a constituição de sua subjetividade".

Figura 8: A construção da identidade surda.



Fonte: Karnopp e Rosa (2005, p 21).

Desse modo, os surdos que nascem em famílias ouvintes precisam ter contato com outros surdos, para que a diferença linguística seja respeitada. No entanto, é importante que essas famílias tenham uma participação efetiva na comunidade para que ele possa ter diálogo em casa e não se sinta excluído e também para garantir espaço de valorização da condição linguística e cultural do seu familiar surdo.

#### 4.2.1 Libras, uma língua heterogênea

É importante destacar que o conto retrata a língua com todas as propriedades linguísticas, inclusive que é "múltipla, variável instável, e está sempre em desconstrução e em reconstrução [...] A língua é uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita" (BAGNO, 2007, p. 36). Esse fator é representado na *Figura 9*.

Figura 9: A não unidade da Libras



Fonte: Karnopp e Rosa (2005, p 24).

A imagem retrata que, do mesmo modo que ocorre nas outras línguas, inclusive nas línguas orais, a Libras tem variação de acordo com a comunidade de fala. Segundo Souza e Segala (2009, p. 27), entende-se por comunidade de fala como "o local em que o indivíduo usa um conjunto de normas linguísticas estabelecidas por essa comunidade".

Conforme trecho da *Figura 9* o patinho adquiriu a língua da comunidade que ele passou a conviver, ou seja, da Língua de Sinais da Lagoa, desmistificando o mito de que a Libras é universal ou de que possui unidade linguística. Ratifica Gesser (2009) que cada país tem sua língua própria "dado que não funciona como decalque ou rótulo que possa ser colocado e utilizado por todos os surdos de todas as sociedades de maneira uniforme e sem influência de uso" (GESSER, 2009, p. 12).

#### 4.3 O PROFISSIONAL INTÉRPRETE

Concomitante ao reconhecimento da Libras, os surdos passaram a ter garantias linguísticas, educacionais e, de acesso à comunicação e à informação. Desta forma, as instituições se viram obrigadas a garantir acessibilidade através do profissional intérprete de Língua de Sinais. Mas o que é mesmo um profissional de intérprete de língua de sinais?

Conforme a Lei que regulamenta a profissão do intérprete de Libras, tradutor e intérprete é o profissional que tem a "competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa" (BRASIL, 2011, p. 2010). Como mediador de comunicação, torna-se cada vez mais importante compreender seu papel, pois seu trabalho está ligado com a interação comunicativa

O intérprete é o mediador entre pessoas que não dominam a mesma língua, interpretando fielmente, sem deixar de passar alguma informação para que o outro compreenda com clareza. Desta maneira “Ele processa a informação dada na língua fonte e faz escolhas lexicais, estruturais, semânticas e pragmáticas na língua alvo que devem se aproximar o mais apropriadamente possível da informação dada na língua fonte” (QUADROS, 2004, p. 27).

Embora seja tão recente a legislação que reconhece tal profissão, a trajetória do intérprete de Língua de Sinais teve início no Brasil nos anos de 1980 com trabalhos religiosos, mas, antes de respaldo legal, intérprete já marcava presença dentro da comunidade surda, assegurando comunicação entre a língua portuguesa e a Libras. A princípio era um trabalho voluntariado, ou seja, não havia remuneração pelo serviço de tradução e interpretação da Língua de Sinais.

Desde então, este profissional vem ganhando espaço à medida que comunidade surda luta por seus direitos. Desta maneira, a profissão de intérprete de Libras é validada pela Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010, que representou uma etapa fundamental no reconhecimento e formação do profissional intérprete de Língua de Sinais, assim como sua inserção oficial no mercado de trabalho, considerada uma conquista e um marco muito importante para a comunidade surda e demais profissionais ouvintes que necessitam da mediação do intérprete para comunicação.

“Então, escolas, universidades, repartições públicas, tribunais, hospitais etc. devem atender essa população específica assegurando-lhe o seu direito linguístico de poder ser assistido em sua própria língua” (GESSER, 2009, p. 47).

No livro *Patinho Surdo* a figura do intérprete também está presente através do personagem sapo. É interessante que a obra apresenta a importância do intérprete de Língua de Sinais para a comunicação.

O sapo (intérprete) entra na história no papel de mediador, ele, nesse momento, assume uma função de mediar a comunicação, pois até então o patinho surdo não conseguia informar para a família cisne ouvinte o equívoco de seu nascimento.

Figura 10: Papel do intérprete de Libras.



Fonte: Karnopp e Rosa (2005, p. 23).

Nesse trecho, aborda que o profissional intérprete foi contratado para atuar como intermediário de informações entre ouvintes e surdos. É notória a importância do sapo para o desenrolar da história, para que de fato a comunicação efetiva acontecesse naquele momento. Houve uma valorização enquanto profissional do intérprete que tem a responsabilidade pela veracidade e fidelidade das informações. Dessa forma, a ética deve estar na essência destes profissionais. Assim como sigilo profissional, fidelidade, imparcialidade.

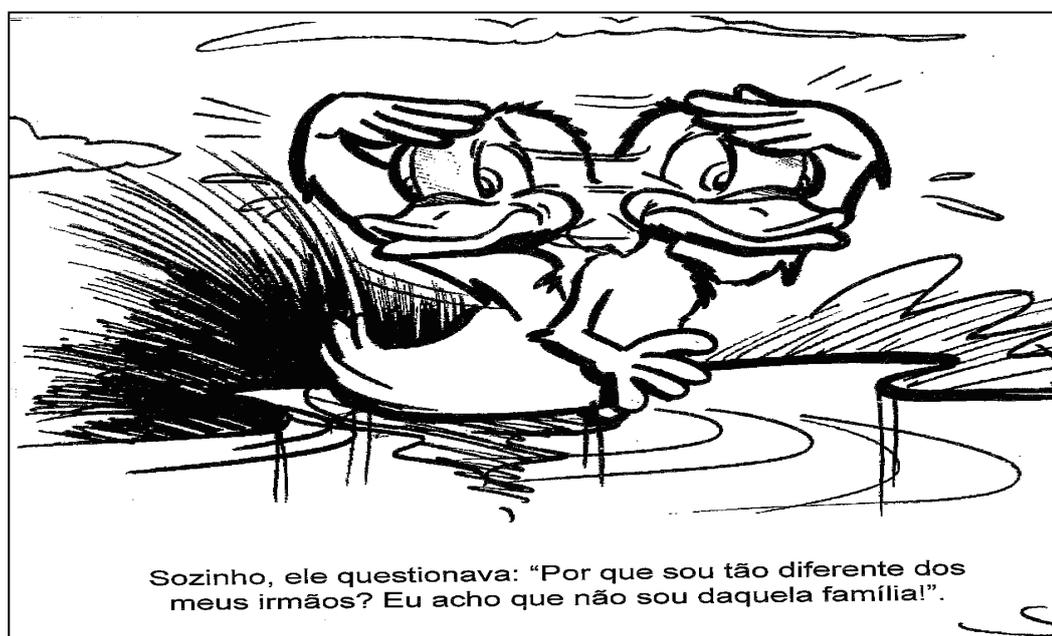
#### 4. 4 SURDEZ: DIFERENÇA OU ALTERIDADE?

A falta de conhecimento sobre a surdez ainda é comum na sociedade, por esse motivo é repercutido muitos mitos e crenças que se traduz em preconceito sobre a diferença. Isso acontece também porque a Libras é uma língua minoritária, de pouco interesse do público majoritário ouvinte. Apesar de se falar muito em inclusão, diferença e preconceito

linguístico, o olhar discriminatório e ofensivo é realidade, ainda nos dias atuais, para as pessoas com surdez.

Além da família estranhar o jeito do pato se comunicar e lhe designar como um filho diferente, podemos identificar no conto que o pato também o se ver diferente, não por escolha, mas porque ele é submetido a situações de desprezo, seja por parte da família ou de outras entidades sociais. A situação de estigma no qual ele é imposto o coloca no lugar de estigmatizado e "os estigmatizados frente aos normais (ou estigmatizador) também podem desenvolver sentimentos de angústia, inferioridade, vergonha, autodepreciação" (SANTOS, 2016, p. 7).

Figura 11: Somos todos normais.



Fonte: Karnopp e Rosa (2005, p 5).

Em vários momentos no conto o surdo se sentiu perdido, angustiado, sozinho, tentando se descobrir nessa diferença. Segundo o conto, a diferença surda só é vista no encontro com o ouvinte. Percebe-se no conto retratado na *Figura 12* que para o casal de surdos não há preconceitos ou estigmas. Entende-se por estigma "traços capazes de discriminar as pessoas e torná-las inferiores e anormais" (SANTOS 2016, p. 3).

Figura 12: O surdo é o diferente?



Fonte: Karnopp e Rosa (2005, p 18).

Apesar do conto apresentar as diferenças apenas no contato com o outro-ouvinte, é importante destacar que os estudos sobre alteridade apresentam conflitos negligenciados no conto, que é a diferença do encontro com o outro, seja surdo ou ouvinte. As literaturas sobre os surdos têm discutido que há diferenças entre surdos que precisam ser discutidas e que é nessas diferenças que as identidades surdas são construídas.

Acima de tudo, é preciso se construir uma consciência da diferença, que no caso dos Surdos, tem as marcas de sua trajetória de vida, das suas experiências interativas, engendrada na complexidade do ser. Enquanto as representações e ações em torno do Surdo estiverem amparadas na ideia de identidade única, universal, e, em consequência, na formação de políticos que desconsideram a gama de possibilidades de ser e estar no mundo, estaremos ratificando velhos mecanismos que contribuem cada vez mais para a exclusão social (DORZIAT, 2009, p. 33).

Assim, a diferença não deve ser vista algo como inferior ou anormal, mas como um traço que distingue as pessoas e constitui o 'eu', pois "[...] não existe um modelo ou normalização de surdo. Em cada surdo há um mundo a descobrir e que, ser surdo é ter o direito de ser entendido dentro das suas potencialidades [...]" (SANTOS, 2016, p. 10).

A beleza da alteridade está em respeitar as diferenças surdas e, em se colocar no lugar do outro. É perceber que nos constituímos no contato com o outro, na diferença do outro. Conforme Skliar (2003, apud DORZIAT, 2009, p. 20), "sem o outro não seríamos nada [...] porque a mesmidade não seria mais do que um egoísmo apenas transvertido [...], só ficaria a vacuidade e a opacidade de nós mesmos [...]".

## 5 FINAL FELIZ

A história do surdo é marcada por vitórias e opressões dos ouvintes. Esses fatos são retratados nas narrativas denominadas literaturas surdas, com objetivo de expor a cultura das pessoas com surdez com diversas experiências pessoais, como seu jeito de ser, de se comportar diante situações adversas, seus sentimentos, etc. Retratados em narrativas de diferentes gêneros, marca uma literatura cheia de valores e inquietações.

Nesse contexto, o conto *Patinho Surdo* se apresenta como uma literatura surda por trazer consigo traços da cultura surda, abordados através de contextos e diálogos. Embora a publicação do conto em Libras tenha ocorrido apenas em 2016 através do site <<https://www.youtube.com/watch?v=2MxZfgc0u8M>>, a publicação na modalidade escrita da Língua Portuguesa permite sua compreensão e identificação como literatura surda por abordar contextos sociais, políticos e culturas das comunidades surdas do Brasil.

Estes contextos foram simbolizados pelo nascimento do pato surdos na família de ouvintes, fato que ocorre com a maioria dos surdos no Brasil e que, conseqüentemente, ocasiona conflitos linguísticos e de aceitação. Outra simbologia encontrada foi a presença do profissional intérprete de Libras, que aparece e é oficializado no mercado brasileiro, a partir das lutas do movimento surdo pelo direito à acessibilidade. Além destes aspectos a diferença entre surdo e ouvinte é colocada sempre pelo viés linguístico.

Desse modo, a leitura do conto possibilitou perceber que as comunidades surdas têm retratado, nas literaturas contemporâneas, denominada de literatura surda, o conflito vivenciado pelos surdos, suas lutas, conquistas, direitos e, que o conto *Patinho Surdo* apresenta elementos discursivos que merecem debate, ou seja, não podem ser marginalizados, ao contrário, devem ser incluídos nas leituras, não somente dos surdos, como também das pessoas ouvintes, inclusive nos espaços educacionais onde há mais acesso a estas leituras.

## REFERÊNCIAS

AMIN, M.; LÚCIA, M.; VERA, O. **Um mistério a resolver: O mundo das bocas mexedeiras**. Belo Horizonte: Del Rey, 2008.

ARAÚJO, Márcia Maria de Melo. O Poema em Libras Bandeira Brasileira de Nelson Pimenta a partir de um ponto de vista formal. **Revista Sinalizar**, v.1, n.2, p. 179-189, jul./dez. 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Mary/Downloads/44684-187641-1-PB%20(1).pdf>. Acesso em: 22 mai. 2017.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70; LDA, 2011.

BRASIL. **Decreto n.º 5626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o artigo 18 da Lei n.º 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Fernando Haddad, 2005. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)>. Acesso em jun. 2017.

\_\_\_\_\_. **Lei n.º 12.319, de 01 de setembro de 2010**. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Brasília: Fernando Haddad, 2010. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm)>. Acesso em: jun. 2017.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

DEL-MASSO, M. C. S.; COTTA, M. A. de C.; SANTOS, M. A. P. **Ética em Pesquisa científica: conceitos e finalidades**. Acervo digital da UNESP, 2014, p. 1-16. Disponível em <[https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155306/1/unesp-nead\\_reei1\\_ei\\_d04\\_texto2.pdf?](https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155306/1/unesp-nead_reei1_ei_d04_texto2.pdf?)> Acesso em: 20 jun. 2017.

DORIZAT, Ana. **O Outro da Educação: pensando a surdez com base nos temas Identidade/Diferença, currículo e inclusão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.96p.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. 6 ed. São Paulo: Martins, 2006.

FALCÃO, Luiz Albérico Barbosa. A Pessoa Surda. IN: **Surdez, Cognição Visual e Libras: estabelecendo novos diálogos**. 3. ed.–Recife: Ed. Do Altor, 2012, p. 17-119.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?** : crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Literatura surda**. Licenciatura em Letras-Libras. UFSC. Florianópolis, 2008.

\_\_\_\_\_. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. **Cadernos de Educação**. FaE/PPGE/UFPel. Pelotas. v. 36, p.155 - 174, maio/agosto 2010. Disponível em <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1605/1488>>. Acesso 06 abr. 2017.

KING, Martin Luther. Frases sobre surdez. Disponível em: <<http://paulohenriquelibras.blogspot.com.br/2011/06/frases-para-reflexao-surdez.html>>. Acesso em: 09 set.2017.

KIRCHOF, E.R.; BOIN, I.T.; SILVEIRA, R.M.H. Literatura infantil e Diferenças. **Revista Educação & realidade**. Porto Alegre, v. 38, n. p. 1045- 1052, Out. /Dez. 2013. Acesso em: 18 jun.2017.

LABORIT, Emmanuelle. **O vôo da gaivota**. Tradução Lelita de Oliveira. São Paulo: Best Seller, 1994. Escrito com a colaboração de Marie-Thérèse Cuny.

LODI, A. C. B; LACERDA, C. B. F. de (Org.). **Uma escola duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

MORGADO, Marta. Literatura em língua gestual. In: KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI LAZZARIN, Márcia (Orgs.). **Cultura Surda na Contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. 1. ed. Canoas: Editora da ULBRA, 2011.

MORGADO, Marta. **Literatura das línguas gestuais**. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. **Literatura Surda: produções culturais de surdos em Língua de Sinais**. Porto Alegre: UFRGS, 2011. 132 f. Dissertação (mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000785443&loc=2011&l=b5039a03894fc00b>>. Acesso em: 05 maio. 2017.

PERES, Ana Maria Clark. Literatura infanto-juvenil: para que fazer? **Revista Suplemento Literário de Minas Gerais**. nº1306, Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 40f, 3-9, Belo Horizonte, Outubro 2007.

PISSINATTI, Larissa Gotti. **Representações linguístico-culturais do povo surdo na literatura surda**. 2016, 134f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários), Núcleo de Ciências Humanas, Departamento de Letras Vernáculas. Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2016.

PORTO, S.; PEIXOTO, J. Literatura Visual. IN: FARIA, Evangelina Maria Brito. CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. (Org.) **Língua Portuguesa e Libras: teorias e práticas**. João Pessoa: editorada UFPB, 2011. p. 167-196.

QUADROS, R. M. de. **O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2004.

QUADROS, R. M. de.; Cruz. C. R. **Língua de Sinais: instrumentos de avaliação**. Porto Alegre: Aetmed, 2011.

RODRIGUERO, C.R.B; YAEGASHI, S.F.R. **A Família e o Filho Surdo: uma investigação acerca do desenvolvimento psicológico da criança segundo a abordagem histórico-cultural**. 1ª ed. Curitiba,PR: CRV, 2013. 112 p.

SANTOS, Emmanuelle Felix. **Um estudo dos possíveis estigmas sobre o professor surdo universitário**. IN: X Colóquio internacional: educação e contemporaneidade, eixo 4 Educação e inclusão; 22 a 24 setembro 2016; Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

SANTOS, Mônica de Menezes. **Por um lugar para a literatura infantil/juvenil nos estudos literários**. 2011, 268f. Tese (Doutora em Letras), Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

SOUZA, R.B. de. SEGALA, R.R. **A perspectiva social na emergência das Línguas de Sinais: a noção de comunidade de fala e idioleto segundo o modelo teórico laboviano**. IN: QUADOROS, R.M de. STUMPF.M.R.(Org.) Estudos surdos IV. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2.ed. ver. – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

WITKOSKI, Sílvia Andreis. A interface entre a família e o direito ao ensino bilíngue para os sujeitos surdo: rompendo posições binárias. **ETD- Educação Temática Digital**. Campinas, v. 19. N.3, p. 882-900. Jul/set. 2017.